

RECENTRALIDADE NARRATIVA: O CORPO E O TERRITÓRIO COMO ELEMENTOS DE INDEPENDÊNCIA DO COLETIVO COM_TEXTO

Beatriz Passos¹
Marcos Salesse²

Resumo: O presente artigo busca analisar a partir dos conceitos de corpo e território, duas produções feitas pelo Coletivo Com_Texto, localizado em Mato Grosso. Utiliza-se ainda como base teórica o campo Geografias da Comunicação, além da compreensão do jornalismo hiperlocal, para identificar as características de independência editorial. Tendo como objeto central de discussão duas produções da editoria "Fala Aí", formula-se um olhar interdisciplinar para os estudos de mídias, investigando como a iniciativa utiliza os instrumentos jornalísticos para consolidar uma recentralidade narrativa no jornalismo produzido longe dos grandes centros político-econômicos do país. O trabalho não se propõe encontrar o ideal para a valorização das identidades locais, mas apresenta caminhos para uma ruptura com as práticas hegemônicas.

Palavras-chave: Corpo; Território; Geografia; Recentralidade; Narrativa.

¹ Estudante de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), membro do Coletivo de Jornalismo Independente Com_Texto. Email: bbeatrizppassos@gmail.com

² Estudante de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e membro-fundador do Coletivo de Jornalismo Independente Com_Texto. E-mail: marcosfsalesse@gmail.com

1. Introdução

O presente trabalho dedica-se a explicar por meio dos conceitos de corpo e território como o Coletivo de Jornalismo Independente Com_Texto propõe e realiza, na cidade de Cuiabá, produções fora do prisma hegemônico preestabelecido por veículos pertencentes à lógica geopolítica dos grandes centros urbanos. A pesquisa articula também análises desenvolvidas pelo campo Geografias da Comunicação.

As produções selecionadas como foco de análise ultrapassam o lugar de objeto e destacam-se como fator chave das relações que permitem, inclusive, a escrita do trabalho, de maneira que os elementos escolhidos para propor a reflexão contam uma história dupla, que põem nas considerações reconhecimentos característicos também a quem avalia, uma vez que os autores desta pesquisa vivem em Cuiabá e também pertencem ao coletivo Com_Texto.

O Coletivo é apresentado, nesta pesquisa, como ferramenta de discussão, na qual se investiga a sua formulação enquanto jornalismo independente e hiperlocal, suas abordagens editoriais e produções, destacando a editoria “Fala Aí”, que apresenta entrevistas em forma de vídeos curtos, veiculados em redes sociais, com presença de convidados que simbolizam potenciais fenômenos de corpos e territórios.

Para o objetivo maior da análise, foram destacadas duas publicações desta editoria, nas quais duas personagens importantes na trajetória do projeto estão frente às câmeras relatando suas experiências ligadas às regionalidades, pautadas por diferentes gerações, atuações e construções de mundo. Embora distantes em experiências, o encontro das duas ocorre justamente no território simbolizado nas falas, mas que também as marcam no corpo, por meio das tatuagens, rugas e, em especial, pelo reflexo do sol cuiabano, provocado por lentes do Com_Texto.

Sendo assim, este artigo se coloca enquanto uma caminhada de recentralidade narrativa que, em meio aos esforços teóricos, elucida os passos concretos e práticos de uma postura jornalística desafiadora e rara, porém não inédita, presente em um contexto ainda atravessado por silenciamentos, concretizados na esfera social, e refletido nos meios hegemônicos de informação.

2. O território como marca de independência nas produções do Com_Texto

Criado em maio de 2019, o Coletivo Com_Texto se apresenta como uma iniciativa de jornalismo independente nos moldes do que defende Reis (2017), ao colocar o advento das Tecnologias da Informação (TICs) como um elemento que demarca um período de transição no processo de construção das organizações que fogem da lógica de mercado, “a partir da Internet, especificamente por meio das redes sociais, decerto se torna mais simples fazer um trabalho jornalístico não-convencional, desde a produção até a circulação e o alcance” (REIS, 2017, p. 194). Tendo as redes sociais como peça disparadora para produção e disseminação dos conteúdos, os elementos de corpo e territorialidade também se fazem presentes enquanto componentes fundadores da proposta comunicacional estabelecida dentro dos trabalhos já publicados.

Inserido na região Centro-Oeste, o Com_Texto surge enquanto uma possibilidade de transpor as lógicas de produção vivenciadas pelos veículos de grande circulação da região, que se apropriam de discursos hegemônicos e reforçam dentro de suas produções diárias um padrão distante da realidade vivenciada pelo leitor, que experiencia o território de outras maneiras.

Tendo em sua estrutura editoriais como “Na Rua” e o “Fala Ai”, o Coletivo conduz suas atividades dentro de uma perspectiva editorial sem a interferência do Estado ou do poder econômico de grupos empresariais, seja da área da comunicação ou de outros setores. Esta condução é tida por Batista e Patrício (2017) como uma característica de veículos independentes que cultivam a autonomia desde a construção da pauta até a publicação do material final.

Ainda nos escritos de Batista e Patrício (2017), é possível colocar o embate entre periferia e centro como um dos princípios de atuação desses coletivos, fazendo com que a oposição se estenda também entre a mídia convencional e a mídia independente.

Dispondo em sua formação principal da presença de estudantes do curso de Jornalismo, o Coletivo se apresenta também como um espaço de experimentações, trocas e parcerias que pautam o fazer jornalístico. Tendo em mente as personagens que estão nas páginas dos jornais, e que conseqüentemente também ocupam o lugar de leitoras, levanta-se aqui a necessidade de pensar o trabalho do jornalista independente

como tradutor da subjetividade de quem se propõe a ter suas experiências de mundo transcritas em diferentes plataformas.

Para refletir sobre este papel de tradução, traçamos aqui um paralelo com os escritos de Albert Bruce (2015) ao descrever a sua função enquanto antropólogo branco dentro de espaços do povo Yanomami na concepção da obra “A Queda do Céu”, também escrita pelo xamã Davi Kopenawa.

Me esforcei por restituir a sensibilidade poética e a densidade conceitual de suas palavras, numa tradução tão próxima quanto possível, mas evidentemente usando uma forma de escrita e de composição capaz de torná-las mais facilmente acessíveis a um público de não especialistas (BRUCE, 2015, p. 51).

Partindo desta concepção, constitui-se um caminho importante para a compreensão da profundidade que envolve as corporeidades, fundamentando, dessa forma, a identidade do espaço onde essa mídia se insere.

É válido traçar, a partir da noção de espaço, uma perspectiva conceitual do que é visto enquanto territorialidade nesta pesquisa. Trazendo para o debate os estudos de Milton Santos, entende-se que a territorialidade é marcada pela relação intrínseca dos movimentos de economia e cultura-linguagem de determinados grupos (FUINI, 2015). Com isso, evidencia-se a necessidade de pensar a territorialidade enquanto um espaço de reivindicação de identidades, continuidade de saberes e experiências que produzem novas formas de sobrevivência para comunidades historicamente violentadas. É a partir desta quebra do peso que as finanças globais produzem, capaz de reestruturar espaços geográficos (FUINI, 2015), que as produções independentes atuam, versando possibilidades na contramão de uma desterritorialização³ que produz apagamentos e silenciamento das vozes fundamentais para pensar o jornalismo pautado na diversidade.

No decorrer da história das civilizações, as regiões foram configurando-se por meio de processos orgânicos, expressos através da territorialidade absoluta de um grupo, onde prevaleciam suas características de identidade, exclusividade e limites, devidas à única presença desse grupo, sem outra mediação. A diferença entre áreas se devia a essa relação direta com o entorno (SANTOS, 2006, p. 165).

³ Dentro desta ideia, destacada por Milton Santos, entende-se que a construção de espaços locais surge apenas para suprir demanda técnica e de produção direta, enquanto o contexto de decisões políticas e comando financeiro ficam estabelecidos dentro de uma ordem global, desterritorializada.

Ainda dentro dos parâmetros de existência das iniciativas independentes, para além do que defende Reis (2017) ao colocar a visibilidade das lutas dos movimentos populares como hipótese dentro do jornalismo independente, busca-se, por meio destas práticas autônomas, a incorporação de fazeres jornalísticos que ultrapassem a perspectiva da simples visibilidade. Centraliza-se não só o que é manifestado por esses corpos enquanto movimentos de luta, mas também a relação entre o corpo, território e discurso, dando substância para que o leitor veja as suas experiências refletidas no trabalho do comunicador, tanto em uma posição de protagonista, quanto de integrante de uma esfera social que necessita compreender a corporeidade enquanto um elemento diretamente ligado aos saberes e ao território.

3. Corporeidades na identidade da mídia hiperlocal

Há uma passagem em “A Alma Encantadora das Ruas”, obra do jornalista João do Rio, que diz “onde morre o grande caminho começa a rua, por isso, ela está para a grande cidade como a estrada está para o mundo” (RIO, 2007, p. 25). Propondo determinada elasticidade sobre aquilo a que se referia o autor, é possível traçar, a partir desse trecho, uma discussão do papel e atuação do jornalismo independente na esfera local, dentro da realidade brasileira, uma vez que uma parcela expressiva de iniciativas de jornalismo independente que atuam no Brasil concentra seus esforços e olhares para as regiões já geopoliticamente privilegiadas, seguindo a mesma pedagogia de falsa hegemonia territorial. Por isso, por mais que haja esforços de contemplação nos assuntos abordados, regiões distantes de eixos econômicos ocupam espaços secundários nesses veículos, de forma que é rara a presença de assuntos inscritos nos cotidianos, tão diversos, desses territórios que são afastados de uma centralidade simbólica, como é o caso da capital mato-grossense.

Frente a este quadro, no processo de refutação de narrativas, não é suficiente apenas a oposição, também é necessário o fazer, uma prática que pode ser conceituada como jornalismo hiperlocal.

Quando um jornal foca nos esforços de cobertura em uma determinada comunidade, seja ela geográfica ou não, assume uma posição de relevância desse território. A partir do conhecimento prévio da área em que quer se especializar, o foco em determinados locais nada mais

é que a segmentação do veículo, conclamada como uma possível alternativa para o jornalismo em rede. Para que se insira na comunidade é necessário contar com o apoio dela, isto é, da aceitação e participação dos membros. A utilização da força da massa (ou crowdsourcing) é não só um recurso estratégico, mas também uma necessidade para cobrir todas as nuances das relações estabelecidas naquele local (BALDESSAR, DELLAGNELO; LETTI, 2018, p. 27).

É possível afirmar que o jornalismo hiperlocal está associado à presença de personagens que estão inseridos na realidade que pretende ser contada. Essa lógica desperta desafios como a narrativa não estereotipada, uma abordagem ampliada da identidade local⁴, a inserção da lógica tradicional do território por meio das abordagens jornalísticas, a promoção da autonomia narrativa sobre os critérios de noticiabilidade e a construção de múltiplos significados de corpos no imaginário social. Para analisar esse último aspecto, utiliza-se a concepção de corporeidade, que reconhece os corpos como elementos potentes das estruturas culturais e sociais.

O corpo é a dimensão biológica que materializa a nossa presença no mundo. É o lugar concreto onde manifestamos nossas vontades, desejos, tudo que foi aprendido e observado ao longo de nossa história pessoal e por razão, o corpo também é fruto de construção social, repleto de representações culturais e simbólicas de uma sociedade (SILVA, 2014, p.266).

A partir do que diz Silva (2014) é possível compreender que tão importante quanto o próprio corpo é o contexto no qual ele existe, de forma que as significações advindas dessa relação são resultados diretos das suas interações, por isso, não se pode pensar a presença de um corpo sem questionar o sentido real da sua visibilidade. Ao trazer esse debate para o campo da comunicação, em especial para o jornalismo, encontra-se, nas demarcações de determinados corpos, símbolos de violências que se apoiam no poder da mídia para cursar inúmeros caminhos de ação.

Com a orientação do pensamento de Helena Katz (2010), levanta-se a importância de entender os processos que o corpo, juntamente com o território, apresentam e como a utilização desses elementos cria imaginários eficazes na produção de significados.

⁴ Neste presente trabalho, entende-se por "identidade local" o oposto do que é visto enquanto regionalidade mato-grossense nos mecanismos de turismo local e na mídia hegemônica do estado, que apresentam uma visão simplista e pouco aproximada da realidade deste espaço.

Onde tudo ocorre nunca é passivo. O ambiente no qual informação é produzida, transmitida e interpretada nunca é estático, mas uma espécie de contexto-sensitivo- por isso, as trocas entre corpos e ambientes são possíveis, e o corpo, que está sempre transitando por vários ambientes/contextos, vai trocando informações que tanto o modificam como modificam o ambiente (KATZ, 2010, p.20).

Na discussão sobre a atuação da mídia independente hiperlocal contra hegemônica, fica evidente a relevância da presença de corporeidades marcadas pelo território, nas quais existem costumes traduzidos em sotaques, expressões e familiaridades com as histórias narradas, fatores que indicam, inclusive, o direcionamento das produções. E, a partir destes pontos, não cabe mais a lógica do exotismo, valoriza-se a autogestão da identidade dos corpos sobre os quais versam as produções.

Portanto, é possível afirmar que os corpos marginalizados pela mídia hegemônica, ocupam lugar fundamental na contra narrativa proposta pela mídia independente e, no exercício de exigir mais compromisso com as pluralidades das vivências, está a constatação da ausência e o rompimento com a manutenção de invisibilidades.

4. “Fala Aí”: Uma aproximação entre corpo e território a partir dos estudos das Geografias da Comunicação

Com seu primeiro episódio lançado em outubro de 2019, a editoria “Fala Aí” caracteriza-se como uma das principais ferramentas de construção da identidade jornalística do Com_Texto. Contando com 11 episódios publicados nas plataformas⁵ do Coletivo, a ideia de construção de um trabalho audiovisual surgiu da necessidade de apresentar novas formas de narrar histórias onde o protagonismo se estabelecesse única e exclusivamente na fonte presente diante das câmeras.

Durante todo o período de produção e publicação, o projeto mobilizou pessoas diversas, abordando os mais variados assuntos que, de alguma maneira, perpassam o cotidiano de quem vive o território e mobiliza no próprio corpo as características de um

⁵ Atualmente o Coletivo Com_Texto se apropria de quatro espaços digitais para escoar suas produções, sendo eles: Instagram, Twitter, Facebook e Site. Para a divulgação do “Fala Aí” são utilizados apenas o Instagram, Facebook e Site, por apresentarem um suporte mais favorável à circulação de material audiovisual.

discurso que chega até o público não só pela fala, como também pelo movimento ou pelas construções imagéticas que uma produção audiovisual pode proporcionar.

É importante destacar ainda que, para a consolidação de cada episódio, optou-se por não construir um roteiro de entrevistas que guiasse a fala de quem aparece diante das câmeras, possibilitando que o personagem criasse o próprio roteiro, revelando em si o que de importante poderia ser reverberado dentro de um material jornalístico posteriormente editado e publicado. Esta é uma estratégia utilizada exclusivamente nos episódios do "Fala Aí", permitindo que o jornalista pratique ainda mais o seu lugar de escuta e de mediador das urgências que pulsam em cada entrevistado.

Traçando diálogos sobre saberes ancestrais, racismo, educação, música, etarismo, questões de gênero e sexualidade, cada episódio possui em média cinco minutos de duração, condensando as possibilidades de abordagem dos assuntos a partir da perspectiva de quem fala e se coloca diante das câmeras.

A escolha deste produto jornalístico para análise busca identificar nas produções do Coletivo as configurações de independência por meio do espaço dado ao personagem em cada publicação da editoria. Para tal propósito são considerados elementos analíticos que convergem com os conceitos apresentados no campo de estudo "Geografias da Comunicação". Segundo a definição de André Jansson (2005, pág.1) apud Paulo Celso da Silva (2012, pág.8):

A ligação entre geografia e comunicação reside no fato de que (a) todas as formas de representação ocorrem no espaço, e que (b) todos os espaços são produzidos através de representação... o caráter efêmero da cultura e da sociedade contemporânea convida para uma volta espacial nos estudos de mídia. [...] A virada espacial pode levar ao surgimento de um novo subcampo no contexto dos estudos culturais, a geografia da comunicação, que integrará as análises de como a comunicação produz o espaço e como espaço produz comunicação (JASSON, 2005 apud SILVA, 2012, pág.8).

Considerando a contribuição do autor, é viável traçar paralelos com as discussões levantadas em cada episódio do "Fala Aí" com as propostas de investigação do campo citado. Com isso, formulamos, neste trabalho, conexões entre o corpo e o território como ferramentas indispensáveis para a produção de um jornalismo pautado pela recentralidade narrativa.

4.1 Dona Suzana, o território em raízes e cuidado

O episódio que marca a estreia do quadro “Fala Aí” traz como personagens principais Suzana de Oliveira e suas mudas de plantas distribuídas para venda. Com duração de 2 minutos e 23 segundos, a publicação foi viabilizada em 7 de outubro de 2019 e encontra-se disponível nas plataformas oficiais do Coletivo⁶. O vídeo intitulado “Fala Aí: Suzana de Oliveira” reúne falas relacionadas ao cultivo de plantas, abordando desde a adubagem da terra até as espécies à venda. Ao longo da produção é possível que o público descubra elementos muito característicos da regionalidade mato-grossense, tanto nos gestos, quanto nas palavras, o discurso da entrevistada é ferramenta fundamental para a identificação.

Como bem articula Ratts (2006), baseado nas contribuições de Beatriz do Nascimento, o corpo está diretamente ligado ao território. De forma que o mesmo carrega em si múltiplas identidades, justamente por estar em constante transição de espaço-tempo, apropriando-se do território por meio de intervenções.

Segundo o autor:

O corpo é também pontuado de significados. É o corpo que ocupa os espaços e deles se apropria.[...]Não constituem apenas encontros corporais, trata-se de reencontros de uma imagem com outras imagens no espelho: com negros, com brancos, com pessoas de outras cores e compleições físicas e com outras histórias (RATTS, 2006, p.68).

“Dona Suzana”, como é conhecida a personagem, expressa a todo momento o seu pertencimento à terra, contando dos conhecimentos aprendidos dentro da família, interligados ao território e, assim, vai demonstrando de onde vem, com quem aprendeu sobre afeto, cultura e sustento. Por isso, não é necessário reforçar as origens de Dona Suzana, uma vez que o seu corpo se constitui em mapa, direcionando em linhas de vivências, sua origem e a caminhada que fez até o ponto de encontro com a reportagem.

Em dado momento Dona Suzana revela às câmeras do Com_texto que “Foi uma luta para entrar aqui dentro, porque eu nunca entrei”, nas palavras dela. Suzana de Oliveira é uma mulher quilombola, da Comunidade de Mata Cavalo, em Nossa Sra. do Livramento - Mato Grosso e, no dia da reportagem, estava vendendo flores no Instituto

⁶ Veja a íntegra do episódio: <https://coletivocomtexto.com.br/fala-ai-suzana-de-oliveira/>

de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso (IL-UFMT), a convite da organização da XIII Jornada de Desigualdades Raciais da Educação Brasileira.

Durante a realização do evento, ela compareceu todos os dias no mesmo local para comercializar as suas mudas de flores do cerrado, pimenteiras, orquídeas e arrudas, que segundo ela, ajudam a purificar o ambiente. A todo momento, a personagem do primeiro “Fala Aí” partilhava uma infinidade de saberes e compunha o cenário de um espaço desconhecido. Entre tantos transeuntes, “Dona Suzana” era quem menos conhecia o espaço acadêmico, porém, dificilmente existiriam dúvidas de que ela é do chão mato-grossense.

Com todos esses símbolos carregados na própria imagem, no jeito de falar e no conhecimento que compartilhou no episódio do “Fala Aí”, “Dona Suzana” não aparece no vídeo necessariamente no lugar de personagem regional, de forma caricaturesca, ou tampouco ridicularizada. Dessa vez, ela é o centro, e constrói no imaginário de quem assiste a produção a pertença ao território de forma real. A presença dela não se trata de uma atuação, a câmera de filmagem foi ligada e Suzana de Oliveira continuou sendo quem sempre foi, falando de onde vinha e compartilhando o que aprendeu antes e contava no momento da captação de som e imagem. Como fonte/personagem da produção, ela demonstrou uma regionalidade sem montagem, que só se tornou genuína porque narrou o que vivencia.

4.2 No Lamba-Trans o território é tatuado no corpo

Outro importante episódio que materializa a proposição de um jornalismo centrado no protagonismo do corpo e do território é o de número cinco⁷, com a participação da cantora e compositora cuiabana Luisa Lamar. Com duração de 3 minutos e 50 segundos, a artista apresenta suas construções discursivas em seu corpo ao relatar sobre sua paixão pelo Lambadão⁸, ritmo que embala diversos espaços considerados marginais na Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá.

⁷ Veja a íntegra do episódio: <https://coletivocomtexto.com.br/fala-ai-luisa-lamar-lambatrans/>

⁸ Mais do que um ritmo, o Lambadão pode ser considerado um movimento cultural nascido em meados dos anos 1990 nas regiões tidas como periféricas de Cuiabá, capital de Mato Grosso. Dos acordes de Chico Gil, um dos intérpretes mais conhecidos do gênero, aos grandes bailes e festivais, que também tomam conta da cidade vizinha, Várzea Grande, o Lambadão segue sendo uma forte expressão da cultura popular mato-grossense.

Existe, oculto em cada ângulo de câmera que filma a artista, e também em cada palavra escolhida por ela mesma para entoar suas narrativas, uma preocupação intrínseca de manifestar grande parte das reivindicações que atravessam a carreira e a vida da artista. Assim como enuncia Tertuliana Lustosa (2016), abrir espaço para narrativas que emanam do corpo e do território é ecoar vozes que possuem urgência em expressar suas vivências.

É urgente para alguns corpos relatar as suas realidades, considerando intensidades sensitivas, vozes e escutas, tensões e paralisias. A possibilidade de escrita sobre minhas vivências e epistemes aglutinam-se às ancestralidades das que já lutaram muito antes de mim, pessoas como Indianara Siqueira, Cláudia Rodríguez e Alessandra Ramos (LUSTOSA, 2016, p. 389).

Ainda nesse mesmo excerto, podemos retomar o questionamento da autora ao falar sobre as condições com que os autores destas traduções jornalísticas executam suas funções de conexão com as múltiplas realidades vivenciadas pela fonte. "Como os sujeitos autores ligam-se às realidades sociais das pessoas envolvidas em sua abordagem? Até que ponto as ideias sobre a vulnerabilidade e sobre a cultura do outro não reforçam distorções e mortes silenciosas (LUSTOSA, 2016, p.389)".

Diante do que reivindica Lustosa (2016), é possível traçar uma aproximação entre o que diz a autora e aquilo que transborda no corpo da artista durante o episódio. Observando a forma de encarar a poesia de gênero⁹ que atravessa sua experiência, Luisa Lamar destaca em suas canções, nas tatuagens e no lugar onde vive, aquilo que a constitui enquanto artista e ativista.

Partindo do close nas tatuagens, da preferência pelo canto sem o acompanhamento de instrumentos e da dinâmica de escuta que permeia toda a entrevista, cria-se a possibilidade de apresentar o discurso acompanhado de suas complexidades e urgências. Pensar alternativas para enquadrar, dentro das produções jornalísticas, a real força narrativa do corpo e território é também uma forma de retomar o que diz Fabiana Moraes (2015) ao dissertar sobre o pressuposto do jornalismo. "Para

⁹ O termo "poesia de gênero" é cunhado por Tertuliana Lustosa (2016) ao reivindicar uma nova forma de pensar a "identidade de gênero". Partindo do princípio de uma abertura na relação estreita existente entre corpo e sensibilidade, permite-se inclusive uma aproximação crítica ao que se entende por uma literatura genuinamente brasileira.

dar conta desse pressuposto do jornalismo — informar e contribuir com o combate a preconceitos — é necessária a realização de uma ação vital: desmontar o acontecimento, promovendo a desnaturalização do fato (MORAES, 2015, p. 114)”.

Diante disso, podemos refletir sobre a forma com que traduzimos essas subjetividades sem deixar que o trabalho do jornalista se torne um meio de cristalizar preconceitos e noções violentas sobre uma população invisibilizada. Discutir toda essa noção de territorialidade e corporeidade que forma o discurso é poder englobar uma parte das subjetividades inerentes à vida da artista, resultando em "uma produção na qual o ser humano é percebido em sua integralidade e complexidade, com menos reduções (MORAES, 2015, p. 109)”.

5. Considerações finais

Portanto, observa-se as práticas empreendidas pelo Coletivo Com_Texto, dentro da editoria "Fala Ai”, como uma possibilidade de aproximar as noções de corpo e território em busca de uma recentralidade narrativa no jornalismo produzido longe dos grandes centros político-econômicos do país..

Propor esta perspectiva de ação só é possível a partir de um olhar interdisciplinar dos estudos em comunicação. A exemplo disso estão as intersecções construídas, neste trabalho, com os escritos de Milton Santos (2006), que retoma os conceitos de desterritorialização, e de que forma este processo limita a possibilidade de um jornalismo plural, diverso e aberto às complexidades que transformam a realidade local.

Outro ponto de atenção proposto neste trabalho está na relação entre as noções de corporeidade e o conceito de mídia hiperlocal. Com este vínculo, colocou-se em discussão a importância de se pensar uma segmentação local que insira as narrativas presentes naquele espaço de forma não estereotipada, conservando ao máximo toda a pluralidade que existe nos atravessamentos de cada uma das pessoas escolhidas como fontes.

Refletir sobre esta configuração entre corporeidades e jornalismo local é também abrir caminhos para uma compreensão mais humana do profissional da comunicação,

que, para além de traduzir a experiência do outro, vivencia dentro de sua própria subjetividade a realidade do espaço que, ao mesmo tempo, é meio de trabalho e morada.

Articulando-se às discussões teóricas apresentadas, coloca-se em evidência os episódios "Fala Aí: Dona Suzana de Oliveira" e "Fala Aí: Luisa Lamar" para exemplificar, na prática, de que forma o Coletivo executa e compreende as ideias de corpo e território em suas produções.

Enquanto os saberes ancestrais da vendedora de flores e plantas Suzana de Oliveira atravessam as noções de corpo descritos pela historiadora Beatriz Nascimento, a poesia de gênero da artista e ativista Luisa Lamar concretiza as urgências já cunhadas pelos escritos de Tertuliana Lustosa, em suas demandas traduzidas em forma de *bafos*, presente no artigo "Manifesto Traveco-Terrorista".

Observar as práticas do jornalismo a partir da interdisciplinaridade favorece não só a construção deste trabalho, como também uma compreensão necessária das complexas narrativas que compõem uma determinada região. A partir desta ideia de complexidade, que permeia a subjetividade de todo sujeito, retomou-se a premissa do jornalismo, descrita por Fabiana Moraes (2015) ao enquadrar o trabalho do comunicador enquanto um instrumento de informação e quebra de preconceitos.

Foi proposta a reflexão sobre o desenvolvimento de produtos jornalísticos pautados nas urgências que se iniciam no corpo e no território, criando, desta forma, mecanismos que possam promover fissuras em estruturas rígidas que cristalizam preconceitos, fomentam estereótipos e impedem o fortalecimento da função do jornalista.

Dentro desta recentralidade narrativa, entende-se a abordagem sensível do corpo e do território não como uma prática de instrumentalização das fontes para a promoção de um espetáculo da diferença, mas sim a tradução mais próxima da complexidade que existe no que narra cada pessoa. Uma vez que os conteúdos e focos das narrativas não "concorrem" com outros assuntos fora deste território em que o Coletivo se insere, restitui-se a centralidade simbólica e jornalística de Mato Grosso ao jornalismo produzido no "Fala Aí".

Lidar com a prática jornalística dessa maneira, é encarar com honestidade as possibilidades e os limites envolvidos na atuação do profissional de imprensa. Assim como enuncia Moraes (2015), é compreender que o trabalho do jornalista pode causar terremotos e fissuras, mas nem sempre consegue, de fato, estabelecer um lugar de bem-estar para quem serve como tema.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Cíntia Gonçalves. **A representação do negro no telejornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6492/1/CAAlbuquerque.pdf>

BALDESSAR, Maria José, DELLAGNELO, Pedro Vieira e LETTI, Giovanni. O Jornalismo como Território: Hiperlocalismo e o Pertencimento Comunitário. **Comunicação Mídia e Cultura**, Mato Grosso do Sul, pag. 25 - 32, 2018. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/livro-coloquio-brasil-estados-unidos-port010818.pdf#page=27>

BRUCE, Albert. “Prólogo”. In: D. Kopenawa & B. Albert, **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2015.

DE CARVALHO, Juliano Maurício e GROSSI DE CARVALHO, Angela Maria, **Do hiperlocal aos insumos criativos: as mutações do jornalismo na contemporaneidade**, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/9271285/Do_hiperlocal_aos_insumos_criativos_as_muta%C3%A7%C3%B5es_do_jornalismo_na_contemporaneidade

FUINI, Lucas Labigalini. Território e territórios na leitura geográfica de Milton Santos. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, Ituiutaba, v. 6, n. 1, p. 253-271, jan./jun. 2015.

KATZ, Helena. O papel do corpo na transformação da política em biopolítica, Trama Interdisciplinar - Ano 1 - Volume 2 - 2010. Disponível em: <https://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz41312375901.pdf>

LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto Traveco-Terrorista. **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, Volume 01, Número 28, pag. 385 - 409, setembro de 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25929/18560>

MORAES, Fabiana. **O Nascimento de Joicy**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial. 2015. Edição do Kindle.

PATRÍCIO, Edgard e BATISTA, Raphaele. Elementos de identidade jornalística em autonarrativas de grupos de produção de jornalismo independente em plataformas digitais, 2017. Disponível:

<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/740/355>

RATTS, Alex, **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**, SP - São Paulo, Instituto Kuanza e 2006, Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/eusouatlantica.pdf>

REIS, Mariana. Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil. **Vozes&Diálogo**. Itajaí, v. 16, n. 01, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/9455/5791>

RIO, João do [Paulo Barreto], **A alma encantadora das ruas**. Belo Horizonte: Ed. Crisálida, 2007

SANTOS, Milton, 1926-2001 **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

SILVA, Joyce Gonçalves da, Corporeidade e identidade, o corpo negro como espaço de significação. ISSN 2316-266X, n.3, v.17, p. 263-275, out/2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322531117_CORPOREIDADE_E_IDENTIDADE_O_CORPO_NEGRO_COMO_ESPACO_DE_SIGNIFICACAO

SILVA, Paulo Celso da. Geografia da Comunicação: análise da produção intelectual do Dr. Milton Santos e a sua aplicação/relação com a Comunicação, 2012. Disponível em: <http://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2016/08/intercom-Geografia-da-Comunicacao.pdf>